



CIEA7 #42:

LÍNGUAS CRIOULAS DE BASE PORTUGUESA NA ÁFRICA.

Lurdes Jorge[◊]

ltlj@terra.com.br

Márcia S. D. de Oliveira[◊]

marcia.oliveira@usp.br

Um Caso de África:

Considerações sobre Estruturas de Foco Marcado em Línguas Crioulas do Atlântico

Nosso tópico de análise centra-se em ‘sentenças com perguntas-QU movidas’ de línguas crioulas de base portuguesa do Atlântico, objetivando mostrar que, nessas línguas, estruturas com perguntas-QU movidas instanciam um mesmo tipo de marcação de foco presente na gramática de línguas do oeste africano: o ‘foco de controle gramatical’. Esse tipo de foco, em que a marcação se dá em função de propriedades intrínsecas à derivação gramatical, tem como particularidade instigante para a investigação a de não se enquadrar em uma tipologia de foco - como ‘foco contrastivo’, por exemplo; logo, este tipo de foco não está sob o controle da intencionalidade do falante. A análise da estrutura proposta seguirá o modelo sintático derivacional da teoria de fases, em especial como em Chomsky (2001a-b), (2005), (2006) em que é enfatizada a noção sintática de núcleo da fase, como detentor de traços relevantes para a estrutura frasal.

Sintaxe, Português brasileiro, Línguas crioulas de base portuguesa, Foco.

[◊] Universidade de Brasília.

[◊] Universidade de São Paulo.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, corroboramos proposta anterior – Holm & Oliveira (no prelo) – que afirma que sentenças com *elementos-QU fronteados e seguidos de partícula* em línguas crioulas do Atlântico atestam uma participação de línguas do oeste da África: nestas línguas (as africanas e as crioulas), elementos-QU fronteados ocorrem em uma estrutura monoclausal, não se tratando de estruturas de clivagem com elisão de cópula. O estudo tem por objetivo propor uma análise que não corrobora a partícula que segue os elementos-QU fronteados como ‘complementizador’, mas sim como a instanciação de um elemento-QU.

O trabalho está dividido em cinco seções além desta introdução: na seção (2), apresentamos a noção de foco de controle gramatical e pragmático, atestado em línguas do oeste africano; na seção (3), centramo-nos em dados com um tipo específico de foco – de controle gramatical – em línguas crioulas do Atlântico; na seção (4) introduzimos uma proposta de análise dos dados apontada na seção (3) dentro de um modelo sintático derivacional. As seções (5) e (6) são dedicadas à conclusão e às referências bibliográficas respectivamente.

O FOCO DE CONTROLE GRAMATICAL E PRAGMÁTICO ATESTADO EM LÍNGUAS DO OESTE DA ÁFRICA

Nesta seção, resumimos Oliveira (2005, 2007, no prelo) e Holm & Oliveira (no prelo), respectivamente, que argumentam sobre o *controle pragmático versus gramatical de foco* em línguas do oeste da África. A noção de foco que se assume é a que se vê em Zubizarreta (1998: 1) – “[...] *foco é definido em termos da noção discursiva de pressuposição: o foco é a parte não pressuposta da sentença [...]*” –; os autores ratificam a literatura que afirma que essa categoria é responsável por níveis de interface com praticamente todas as áreas da gramática.

Os textos de Oliveira (2005, 2007) e Holm & Oliveira (no prelo) apontam para um dos parâmetros mais importantes para a análise da categoria foco que é a diversidade funcional nesse sistema que se dá por meio de uma *tipologia ‘fechada’*: (i) *foco assertivo*, *foco contrastivo* e *foco de listagem exaustiva* – ver Kuno (1972), Chafe (1976); (ii) *foco polar* e *foco polar contra-assertivo* – ver Watters (1979). Observe, abaixo, um exemplo de marcação de foco contrastivo no português brasileiro – daqui em diante, PB:

(1) Não! [**A Marilda que fez o almoço**] (e não a Márcia)

Na sentença (1), vê-se o sintagma determinante *A Marilda* em uma posição de foco na periferia esquerda da sentença, seguido da palavra ‘que’.

Zubizarreta (1988) propõe que a interpretação de um constituinte focalizado, como *A Marilda* (1), deve ser representada por duas asserções (A_1 , A_2) – ‘estrutura de asserção’ – no nível de representação chamado de Forma Lógica. No caso de foco contrastivo, como se vê em (1), A_1 é constituída por uma pressuposição existencial “A Márcia fez o almoço” e A_2 é composta por duas partes. A primeira parte de A_2 verifica a negação do valor de verdade atribuído à variável x (no caso, *A Márcia*); a segunda parte de A_2 atribui um novo valor de verdade à variável x : “*A Marilda*”. Logo, a dicotomia foco/pressuposição pode ser vista no exemplo (1):

- ✓ *foco*: [MARILDA] – a parte não-pressuposta da sentença;
- ✓ *presuposição*: [Márcia], parte da estrutura de asserção representada pelo contexto.

Oliveira (2007) segue a proposta que se vê na literatura africanista no tocante ao que se chama de *controle de foco* – Hyman & Watters (1984: 242, 244) – daqui em diante, H&W. Para H&W, línguas africanas (LAs) atestam marcação de foco em dois casos específicos: **(i)** em sintagmas que, devido a marcações morfossintáticas, apresentam uma tipologia ‘fechada’ de foco: *foco contrastivo*, por exemplo; **(ii)** em sintagmas ligados a uma estrutura sintática ‘marcada’ como *perguntas-QU* e *negação*, por exemplo. H&W ligam os casos em (i)-(ii) ao que denominam de *controle de foco pragmático* e *gramatical* respectivamente. Em (i), o falante tem a intenção de produzir o foco – logo ele é ‘pragmático’; em (ii), a marcação de foco é totalmente independente da intenção do falante de produzir essa categoria gramatical – a focalização é simplesmente marcada. Observe que a sentença (1) é tida, dentro dessa abordagem, como foco de controle pragmático – o enunciador teve a intenção de produzir foco (contrastivo) no sintagma *A Marilda*. Observe agora o exemplo abaixo – Oliveira (no prelo, dado (15), renumerado:

(2) O que que você fez?

Em (2), vê-se um sintagma-QU – *o que* –, seguido da palavra ‘que’. Diferentemente de (1), esse elemento não pode ser encaixado dentro de uma tipologia de foco – como ‘foco contrastivo’, por exemplo. Segundo Oliveira (no prelo), o sintagma-QU – *o que* – em (2) recebe a mesma marcação de foco em PB que recebe o elemento não-QU *A Marilda* em (1) – é um sintagma frontado, seguido da palavra ‘que’; no entanto, diferentemente de (1), o sintagma-QU *o que* em (2) não recebeu marcação de foco direcionada pela intenção do falante, mas sim por razões de ordem interna à gramática. Logo, para Oliveira (no prelo), trata-se de um exemplo de foco de controle gramatical em PB.

Ratificamos que o ‘foco de controle gramatical’, atestado em muitas línguas do oeste africano – daqui em diante, LAs – ocorre em função de propriedades intrínsecas à derivação

gramatical, tendo como particularidade instigante para a investigação a de não se enquadrar em uma tipologia de foco – como ‘foco contrastivo’, ‘assertivo’, por exemplo –, nem, ainda, de acionar uma entonação marcada de foco.

Perguntas-QU fronteadas são construções em que, em muitas línguas africanas, se vê a obrigatoriedade da marcação do foco de controle gramatical. É importante que se diga que, nessas construções, em muitas línguas, o foco-QU recebe a mesma marca de identificação que a do foco intencional (pragmático). No entanto, diferentemente do foco pragmático – o foco feito a partir da intenção do falante (ver exemplo (1)), a marcação do foco de controle gramatical não está ligada à intencionalidade do falante.

Com relação a *perguntas-QU fronteadas e seguidas de uma partícula* (como a palavra ‘que’ em PB (2)), Oliveira (no prelo) ratifica algumas análises de LAs que assumem a ausência de estrutura de clivagem para esses sintagmas focalizados – como se vêem, entre outros, em análises sobre a língua ibíbio (ver, Oliveira (2005, 2007)) e iorubá (ver Adesanya (2007)).

Antes de prosseguirmos com exemplificação de foco de controle pragmático e gramatical, marcado em construções-QU fronteadas em LA, pensamos serem necessárias umas poucas palavras sobre *construção clivada*, pois como dito no parágrafo anterior, pesquisadores vêm afirmando, na literatura, que *perguntas-QU fronteadas e seguidas de partícula* não são casos de clivagem com apagamento de cópula. Construções “clivadas e pseudoclivadas canônicas” são tidas como operações sintáticas para obtenção de *foco* como se exemplifica em Oliveira (no prelo, traduzido):

(2) a. O linguista escreveu um trabalho → b. **Foi** [um traBALho] **que** o linguista escreveu (ele não escreveu um livro)

(3) a. A Hellena projetou a casa do fotógrafo → b. **Quem projetou a casa do fotógrafo** foi [a HeLLEna] (e não o João)

Pode-se entender que a sentença (2a) foi cindida em duas e o resultado dessa cisão produziu um nível de encaixamento como o que se vê em (2b). Logo, o que permite identificar a estrutura em (2b) como uma estrutura clivada é a presença do verbo copulativo *ser* e do complementizador *que*. Essa mesma operação de cisão aplica-se em (3a), mas nesse caso tem-se uma pseudoclivada. Uma pseudoclivada, além do encaixamento com o verbo *ser*, atesta a presença de um pronome Q como *quem* em (3b).

Voltando ao caso da marcação de foco de controle gramatical em LAs, como já mencionado, pesquisadores vêm argumentando que *perguntas-QU fronteadas e seguidas de uma partícula* não são bem descritas se consideradas como casos de construções clivadas – construções biclausais. Para esses autores, esses elementos-QU fronteados e marcados por morfologia são construções contendo um verbo lexical – não há, nessas

construções, outra oração com verbo copulativo (apagado). Observamos, neste trabalho, que uma implicação dessa proposta, com a qual concordamos, é a da não aceitação de que a *partícula* estaria vinculada à categoria de complementizadores.

Oliveira (no prelo) chama a atenção para dados com marcação de foco de controle gramatical em hausa com exemplos (vistos em Green (2007)) de *perguntas-QU fronteadas e seguidas de uma partícula*. Green (op. cit.), que dedica páginas sobre a questão “WH-fronting” em seu estudo sobre o foco em hausa, corrobora propostas sobre outras LAs de que perguntas-QU fronteadas não são estruturas clivadas com cópula cindida, mas, sim, estruturas monoclausais.

Observe, a seguir, exemplos (25)-(26) de Oliveira (no prelo, renumerados) – apud Green (2007) – sobre o foco de controle pragmático e gramatical em hausa¹:

(i) Sentença com sintagma não-QU movido para a periferia da sentença em hausa. Tipologia: ‘foco assertivo’

(3) **sayar) da mo←to←ci yake (yî) ya nzu** “Ele está vendendo carros”

sayar)	da	mo←to←ci	yake	(yî)	ya nzu
vender	PART	carro.pl	3ms.FOC.IMPF	(fazer.VN)	agora

(ii) Sentença com sintagma-QU movido para a periferia da sentença em hausa. Sem tipologia de foco’

(4) **me←ne ne← ya fa←ru?** “O que que aconteceu?”

me←ne←	ne←	ya	fa←ru
what.m	FM.m	3ms.FOC.PF	happen

Oliveira (no prelo) aponta que, no dado em (3), exemplifica-se a marcação de ‘foco de controle pragmático’: há uma clara intenção do falante em produzir foco em um dado sintagma, como se vê em **sayar) da mo←to←ci** “vendendo carros”; vê-se a marcação do foco por meio do morfema **yake**, que marca simultaneamente foco/imperfectivo(aspecto)/masculino/3ª.sing. Diferentemente, em (4), observa-se o mesmo tipo de marcação de foco que se vê em (3), mas agora o elemento na periferia da sentença, seguido de partícula de foco **ya** (um morfema que marca simultaneamente foco/perfectivo/masculino)/3ª.sing.), é um sintagma-QU (marcado como ‘masculino’ nessa língua) – **me←ne←** “o quê?”².

¹ Dados (3)-(4) – traduzidos (glosas e tradução livre): Oliveira (no prelo) apud Green (2007).

Dado (3) – Green (2007: 81; dado (48), renumerado). O subtítulo (i) – renumerado – é de Oliveira (no prelo).

Dado (4) – Green (2007: 85; dado (56b), renumerado). O subtítulo (ii) – renumerado – é de Oliveira (no prelo).

² Nos exemplos (3) e (4) – Green (2007) –, chamamos a atenção do leitor para a interação do marcador de foco com a morfologia do verbo – aspecto – em hausa (fato comum em línguas africanas). Esta relação foco e morfologia verbal em línguas africanas vem sendo descrita na literatura, como se vê, entre outros, em Jorge & Oliveira (2009). No entanto, não se quer dizer que em exemplos com palavra-QU, como em (4), há dois elementos em foco: QU e o verbo.

A intenção de Oliveira (no prelo) em citar dados e argumentos de Green (2007) sobre o foco em hausa é que Green (op. cit.) recupera análises anteriores do foco em hausa, propondo uma nova abordagem. Segundo Green (2007), devido ao fato de o marcador de foco em hausa poder ter a mesma forma que a cópula (embora a cópula nessa língua seja de natureza não verbal), dados com foco frontado, como sintagmas-QU frontados, têm sido vistos como sintagmas focalizados em uma estrutura clivada; a autora aponta a análise de McConvell (1973) como um exemplo desse tipo de proposta. Oliveira (no prelo) deixa claro, no entanto, que Green (2007) segue em outra direção. Para Green (2007: 116), no tocante à análise do foco em hausa – pragmático (3) ou gramatical (4) – o elemento frontado não se encontra em uma construção clivada com apagamento de cópula, mas, sim, em uma estrutura monoclausal com sintagma em posição de foco nucleada por uma partícula de foco. Logo, análises como as de Green (2007), relacionadas ao foco em hausa, unem-se às análises oferecidas para o ibíbio e para o yorubá, entre outras: construções com elementos-QU frontados e seguidos de ‘partícula’, em específico, em muitas línguas do oeste da África, não são sentenças inseridas dentro do conjunto de estruturas clivadas nessas línguas.

Na próxima seção, apresentamos dados de línguas crioulas do Atlântico. Trata-se de sentenças com *perguntas-QU frontadas e seguidas de uma partícula* do tipo que exemplificamos em (2) em PB e em (4) em hausa. Objetivamos corroborar a hipótese já apresentada por Holm & Oliveira (no prelo) de que ‘sentenças com perguntas-QU movidas’ em línguas crioulas do Atlântico instanciam um mesmo tipo de marcação de foco presente na gramática de línguas do oeste africano: o ‘foco de controle gramatical’.

PERGUNTAS-QU FRONTEADAS E O FOCO DE CONTROLE GRAMATICAL EM LÍNGUAS CRIOULAS DO ATLÂNTICO – APUD (HOLM & OLIVEIRA, NO PRELO)

Nesta seção, apresentamos dados de línguas crioulas do Atlântico citados por Holm & Oliveira (no prelo), daqui em diante, H&O. Além dos dados, corroboramos a proposta de H&O de que, nessas línguas, *perguntas-QU frontadas e seguidas de uma partícula* atestam uma marcação específica de foco que se liga a uma construção de foco na África: o foco de controle gramatical, exemplificado em (4) na seção anterior. O termo ‘línguas crioulas do Atlântico’, utilizado por H&O, é um termo técnico em ‘Teoria do Contato’ e refere-se aos crioulos que têm sido relacionados às línguas africanas (LAs); ou seja, línguas crioulas que têm LAs como seus substratos. Logo, justifica-se que, no conjunto de dados apresentados por H&O, línguas crioulas da Nicarágua e da Jamaica tenham sido

incluídas; apesar de pertencerem à área caribenha, essas línguas, de acordo com a literatura, também têm como substrato línguas africanas.

Observe os dados (5)-(10) que se vêem em H&O (renumerados)³:

(iii) *Sentença com Pergunta-QU Fronteada e Partícula de Foco em Crioulo de Guiné Bissau*

(5) **Kin ki ten tera?** “*Quem que tem terra?*”

ki te tera

Foco te terra

(iv) *Sentença com Pergunta-QU Fronteada e Partícula de Foco em Crioulo da Costa Miskito (Nicarágua)*

(6) **Bot a wa tu duu ?** “*Mas que que eu faço (então)?*”

bot	a	wa	tu	duu
mas	Foco	o quê?	eu	fazer

(v) *Sentença com Pergunta-QU Fronteada e Partícula de Foco em Crioulo Jamaicano (Jamaica)*

(7) **a-wa Anti sen fi mi ?** “*O que que Anti enviou pra mim?*”

a	a	Anti	sen	fi	mi
Foco	o quê?	Anti (Tia)	enviou	para	mim

(vi) *Sentença com Pergunta-QU Fronteada e Partícula de Foco em Caboverdiano*

(8) **Kem ku odja ?** “*Quem que você viu?*”

Kem	k-u	O	odja
Foco	Foco- 2a.sing.	Perfectivo	ver

(vii) *Sentença com Pergunta-QU Movidada e Partícula de Foco em Principense (Ilha de Príncipe)*

(9) **kwa ki txi mese a?** “*Que coisa que você quer?*”/ “*Que que você quer?*”

kwa	ki	txi	mese	a
coisa	Foco	2a. singular	quer	partícula interrogativa

³ Dado (5) – Rogé (2004: 243). A glosa e o grifo são de H&O. A ‘tradução livre’ se deu do francês para o português. Dado (6) – Holm (1980: 368, dado (5), renumerado). Apud H&O (no prelo; glosa e grifo dos autores). Dado (7) – Holm (1980: 368, dado (7), renumerado). Apud H&O (no prelo; glosa e grifo dos autores). Dado (8) – Quint (2000: 216, dado numerado). A glosa e o grifo são de H&O; a ‘tradução livre’ se deu do francês para o português. Dado 9 – Dado de trabalho de campo de Ana Livia dos Santos Agostinho – comunicação pessoal. Na glosa, é de H&O a substituição da interpretação de **ki** como “pronomo relativo” (interpretação de Ana Livia) por **ki** “marcador de foco”. Dado 10 – Dado de Tjerk Hagemeijer – ‘minicurso: “As línguas do golfo da Guiné” – VI Encontro da ABECS.

(viii) *Sentença com Pergunta-QU Fronteada e Partícula de Foco em Sãotomeense*(10) **Andji (ku) bô be** “Onde (que) você vai?”

andji	(ku)	bô	be
onde	Foco	2 ^a . singular	ir

H&O chamam a atenção do leitor para a presença dos ‘highlighters’ (seguindo a terminologia que se vê em Holm (1980)) **ki, a, ku**, que seguem os sintagmas-QU fronteados (focalizados) nos dados em (5)-(10): esses ‘highlighters’ assemelham-se a construções de ‘foco gramatical’ em línguas do oeste africano. Apontam, ainda, para o fato de que, segundo a maioria das análises, os ‘highlighters’ apresentados em (5)-(10) podem estar estritamente ligados a uma estrutura com cópula – como se vê em Kihm (1993), entre outros. A proposta de H&O, no entanto, segue em sentido contrário: a observação dos dados de línguas crioulas do Atlântico, em comparação com a marcação do foco em perguntas-QU fronteadas no oeste da África, leva os autores a argumentarem que esses ‘highlighters’ não estão inseridos em uma estrutura de clivagem (que envolve cópula – apagada ou não). Trata-se de exemplos de *foco de controle gramatical* nessas línguas.

Apreende-se do trabalho de H&O que elementos-QU movidos em línguas crioulas do Atlântico encontram-se em posição fronteada na sentença em um sintagma foco e que o núcleo desse sintagma é preenchido por uma partícula de foco – no caso, os ‘highlighters’, que se vêem em (5)-(10). Nessas estruturas de foco, diferentemente de outros sintagmas não-QU, não se atesta uma tipologia de foco; o falante é direcionado a uma ‘estrutura marcada’, como ocorre na África. Logo, H&O ratificam em sua proposta que, nos dados em (5)-(10), não há um ‘ensanduichamento’ de um sintagma-QU entre uma cópula (apagada) e um complementizador. Há um fronteamento de um sintagma-QU seguido de partícula de foco. Embora o trabalho de H&O não esteja centrado em apontar uma proposta de cunho teórico para os dados, o fato de possibilitarem uma leitura de que haja um ‘sintagma foco’ que aloja o foco-QU em línguas crioulas do Atlântico liga seu estudo a um modelo sintático de cunho representacional – como as abordagens representacionais de ‘periferia à esquerda’ em teoria da gramática – cf. Rizzi (1997), (2002), entre outros.

Neste trabalho, na próxima seção, objetivamos propor uma análise tendo por base os mesmos dados que se vêem em (5)-(10), direcionando-nos para uma análise do foco-QU fronteado em línguas crioulas do Atlântico que segue o modelo sintático derivacional da teoria de fases, em especial como em Chomsky Chomsky (2001a-b), (2005), (2007), (no prelo).

PERGUNTAS-QU E O FOCO DE CONTROLE GRAMATICAL EM LÍNGUAS CRIOLAS DO ATLÂNTICO – PROPRIEDADES INTRÍNSECAS À DERIVAÇÃO GRAMATICAL

Como já mencionado na seção anterior, nossa proposta de análise de dados de *sintagmas-QUs* *fronteados e seguidos de partícula de foco* (foco de controle gramatical) em línguas crioulas do Atlântico segue uma abordagem sintática derivacional. Ao optarmos por uma análise por meio da teoria de fases, nosso intuito não é substituir uma implementação teórica (representacional) por outra (derivacional). Nosso objetivo é de apontar que o modelo de fases explica a noção sintática de núcleo da fase, como detentor de traços relevantes para a estrutura frasal. Isso é significativo, pois entre os problemas que se vêem em um modelo de foco do tipo representacional está o fato de que não se explica como um dado sintagma – sintagma-QU em nosso caso – adquire seu traço [+ F_(oco)], uma vez que, nessas abordagens, esse traço deve ser atribuído a um determinado elemento para que a efetiva marcação se dê na estrutura. No que se refere à proposta derivacional como em Chomsky (no prelo), esse aspecto, como se verá, liga-se, entre outros, à distinção entre movimento A_(argumento) e movimento A-barra, cuja implementação, por sua vez, está centrada na ideia de que traços de naturezas distintas acionam operações e movimentos distintos no curso da derivação, que demandam interpretação distinta, segundo a posição que determinado sintagma ocupará, no curso da derivação.

Teoria da Gramática: o Sistema de Derivação por Fases (Phases)

A distinção entre movimento A e movimento A-barra, no sistema atual de derivação por fases (phases) – cf. Chomsky (2005, 2007, no prelo) – é explicada a partir do processo de transmissão dos traços presentes em núcleo das fases – notadamente as categorias C e v*(verbo leve) – a categorias como T(empo) e V(erbo). T e V, nesse sistema, apresentam as seguintes propriedades: (i) não são categorias consideradas como fase na derivação; (ii) herdam os traços-phi de C e v*, respectivamente; (iii) são, enfim, categorias que apenas derivativamente procuram por objetos sintáticos que valorem os traços herdados; (iv) nesse sentido, são categorias que ‘estocam’ traços; são categorias *proxy*. As categorias nucleares C e v* possuem, além dos traços-phi, os denominados traços edge (doravante EFs). Movimentos ocorridos relativamente à validação de traços-phi são movimento A.

O aspecto que traz mudanças substanciais relativamente à derivação por fase e herança encontra-se, sem dúvida, nas propriedades atribuídas a C, no que se refere aos EF. Ou seja, esses traços, que são propriedades intrínsecas aos núcleos das respectivas fases e que não são transmitidos a outras categorias não nucleares, não precisam ser valorados e acionam movimentos que implicam interpretações ligadas, então, a Tópico e Foco. No que se refere ao sistema CP, em especial, isso significa dizer que C tem um EF que pode atrair

elementos (movimento A-barra) para a posição de especificador (Spec). Disso se conclui que, no atual sistema, não é necessário postular que C tem traços não-interpretáveis – entre eles, é bom recordar, estariam – em propostas anteriores à derivação por fase e herança – os que seriam valorados por traços das palavras QU, por exemplo. Basta dizer que o movimento acionado por um EF de C (movimento A-barra) tem implicações quanto à interpretação da sentença, no que refere à estrutura informacional. O movimento (movimento A) acionado pelos traços-phi da categoria *proxy* T, por sua vez, é movimento que se dá em virtude da valoração de traços-phi herdados de C, os quais estão ligados ao sistema de caso e concordância, e, notadamente, implicados na instanciação de argumentos. Como se trata de movimentos distintos, uma implicação inovadora desse sistema, em especial no que se refere à fase iniciada com a ‘junção’ de C a T – ou seja, quanto a CP –, é a de que C e T procuram, simultaneamente, na estrutura, o mesmo objeto sintático. É o que ocorre quando se trata de elemento QU.

Observe a sentença abaixo de elemento QU/sujeito *quem*, seguida de sua representação:

(10) a. **Quem leu o livro?**

b. [CP **quem** 3[X] C] [TP <**quem**2[phi]>] T [vP <**quem**1[X][Phi]> leu[VP ..]

Na representação em (10b) mostra-se que o sintagma QU sujeito **quem** é atraído simultaneamente, na posição de argumento externo do verbo leve v^* – trata-se do verbo ‘ler’, que é transitivo –, por T e por C. O resultado é que o movimento acionado por traços-phi de T leva **quem** ao especificador de T; por sua vez, o movimento acionado pelo EF de C leva o elemento QU para o especificador de C: são movimentos distintos, como já se observou, e, como tal, o fronteamo de QU não se dá a partir de movimento desse elemento da posição de especificador de T para C⁴.

É clássica na literatura a ideia de que, em estruturas interrogativas que se caracterizam pela presença de elementos QU (interrogativas parciais), o foco da interrogação incide sobre parte da sentença, diferentemente do que acontece nas interrogativas sim/não, em que o escopo da interrogação é a sentença toda (interrogativas globais). Nas interrogativas parciais, portanto, a presença de tais elementos (pronomes, advérbios interrogativos, por exemplo,) marcaria o foco da interrogação. Nessa concepção, estaria implícita, portanto, a ideia de que não haveria coocorrência de quaisquer outros elementos que instanciassem foco. Dessa consideração, ou seja, da complementaridade entre elemento-QU, deriva a proposta de Chomsky (1977) de que esses elementos ocupariam a posição de especificador de CP, ou seja, não estariam em C (posição, em geral, associada à presença de complementizadores, entre eles, o complementizador *que*).

⁴ A numeração 1/2/3 no elemento-QU sujeito *quem* tem fins ‘didáticos’, pois a procura de traços-phi e EFs – feita por C e por T – é simultânea.

Ainda, uma estrutura interrogativa parcial é caracterizada semanticamente pelo fato de que a ela está associada uma ‘pressuposição’. Nesse aspecto, então, os elementos interrogativos podem ser semanticamente descritos como quantificadores existenciais ou nominais existencialmente quantificados – cf. Brito (2003):

(11)a. **Quem chegou?**

b. Pressuposição: (alguém chegou)

A representação compatível com a ideia de pressuposição inclui, então, a ideia de Foco:

(12) [Foco [Pressuposição]]

Ainda, a interrogativa parcial, vista como um pedido de informação acerca de uma variável à qual se predica (em (11), ‘chegou’), é, portanto, uma sentença aberta, ou seja, contém uma variável livre (‘ x chegou’). O elemento QU é o elemento que fixa o valor dessa variável livre. Estaria, portanto, motivada a associação entre sintagma-Qu e Foco, nas interrogativas parciais.

Associando-se a essas considerações semânticas a proposta de haver movimento de QU para a posição [Spec, CP] (especificador de sintagma complementizador), chega-se à ideia de que se trata de uma estrutura operador-variável. A inovação trazida pelo sistema de fase e herança (ver Chomsky (2005)) quanto ao movimento simultâneo ocorrido em CP, tem, portanto, uma implicação interessante no que se refere à análise e ao tratamento de estruturas em que há instanciação da relação operador-variável, notadamente, como mostraremos, no que se refere a interrogativas parciais.

Em Direção a uma Proposta

Nossa análise leva em conta as implementações sobre fase, herança e, ainda, a distinção entre movimento A e movimento A-barras a partir da atuação de traços-phi e EFs. Nesse conjunto, parece crucial trazer à análise, ainda, a proposta clássica apresentada em Chomsky (1977) de que os elementos-QU simples apresentam uma parte que é designada pelo operador – Op – e outra que corresponderia a elementos nominais ou não relativos às categorias ontológicas (‘quem’, ‘o que’, entre outras) que codificam; a essa contraparte – enfoque esse que também remete a propostas já clássicas de análise linguística no enfoque da Teoria da Gramática – estariam implicados traços formais que podem ser creditados ao Sintagma Determinante, doravante DP. Uma questão crucial de nosso trabalho é

explicar a presença dos ‘highlighters’ (como **ki** e outros – ver capítulo (2)) em estruturas em que há fracionamento de elemento QU em línguas crioulas do Atlântico, não incluindo essas estruturas no ‘grupo’ das clivadas e, por implicação, rejeitando a hipótese de que esse elementos pertenceriam à classe de complementizadores.

Nossa hipótese é a de que os elementos designados como ‘highlighters’ em línguas crioulas do Atlântico – a despeito de uma possível semelhança fonética com complementizadores, entre eles complementizador *que* – é a instanciação de um elemento da classe QU. Sua presença na história derivacional de sentenças com QU fracionado tanto nas línguas crioulas como nas línguas africanas do oeste encontra explicação se se leva em conta a distribuição de traços-phi relativamente a categorias relacionadas à codificação de categorias ontológicas nas diversas línguas naturais. Trata-se de uma hipótese plausível no que diz respeito a línguas do oeste da África e línguas crioulas do Atlântico a de que o foco de controle gramatical é instanciado, no curso da derivação, em virtude das operações que incidem, e, portanto, dependem, do conjunto de traços-phi disponíveis em DPs; esse enfoque colocaria a variação observada nas línguas que estamos analisando, neste trabalho, no escopo da variação lexical, ou seja, justamente a elementos a que é creditada a variação, numa perspectiva da Teoria da Gramática. Se se considera, ainda, que sintagmas QU ocupam posições argumentais, como a de Sujeito, por exemplo, e a inovação já mencionada no que se refere à distinção entre movimento A e A-barra, observamos ser fundamental a ideia de que a marcação de foco nessas línguas pode ser creditada, em especial, às contrapartes de um dado elemento QU, a saber: (i) terem um elemento que instancia fracionamento – daí ocuparem a posição de especificador de CP; e (ii) serem, em última instância, elementos ligados a traços-phi, a que se deve a presença da *partícula de foco* ou ‘highlighters’.

Observe o dado (5) em caboverdiano, renumerado, seguido de sua representação:

(13)a. **Kin ki ten tera?** “*Quem que tem terra?*”

ki en era
Foco er erra

b. [CP **kin**_{3[X]} C] [TP <**kin**_{2[phi]}>] T [vP <**kin**_{1[X][Phi]}> ten[vP ..]]

O sintagma QU **kin** “quem”, então, instanciará um traço [X] – a representação desse traço, em (13b), sem a referência a [Q] de ‘interrogativo’ ou a OP (operador), por exemplo, tem o objetivo de deixar clara a ideia, já explicitada no fronteamento de QU, de que o EF de C atrai esse elemento para a posição de especificador. Em outras palavras, não se torna relevante, nesse caso – e em virtude do que está pressuposto no sistema de fase e herança – apontar se a operação que tem como efeito o fronteamento do sintagma se deve à marcação de ‘interrogação’ ou não; não sendo incompatível, entretanto, com essa abordagem, nem, conseqüentemente, com as que atribuem o movimento à marcação de Foco – como deixamos registrado neste trabalho – nem, ainda, a ambas possibilidades. Quanto ao conjunto de traços-phi, já apontamos que o fato de estarem ligados a propriedades nominais de elementos que codificam categorias ontológicas torna plausível a hipótese de que a distribuição desses traços represente o fator em que incidiria a variação, com efeito na história derivacional das estruturas em que o foco gramatical é instanciado. Essa proposta – a nosso saber – contém uma perspectiva inédita, no que se refere à análise de sintagmas QU de línguas africanas e crioulas, tendo, ainda, alcance no que se refere a propriedades de DPs de línguas como o português brasileiro (PB), por exemplo, em virtude do que foi independentemente mostrado acerca da variação existente, no PB, relativamente ao conjunto de traços-phi de DPs nessa língua⁵.

Ainda sobre a representação em (13b), a fase que interessa à derivação é a de CP, por isso deixamos de representar a fase do núcleo v*P, que seleciona V e transmite a essa categoria não nuclear os traços-phi relevantes à derivação da fase v*P. Nessa representação, está preenchida a posição de sujeito de v*P. Ainda, observamos que o sintagma QU, sujeito, **kin** “quem” é concatenado na posição de especificador do verbo leve v*. A categoria *proxy* T é concatenada; em seguida; depois, C – o núcleo da fase – é concatenado a T, que, então, recebe, por herança, os traços-phi dessa categoria. Nesse ponto da derivação, C e T atraem, simultaneamente, o sintagma QU, que se encontra em sua posição de base, ou seja, a de argumento externo de v*: o movimento de v* para T, que cria a posição de especificador de TP, é movimento A e diz respeito, como já observamos neste estudo, à operação de valoração de traços-phi, implicados no sistema de caso e concordância. Esse movimento não está relacionado ao movimento acionado pelo EF da categoria C, que se traduz como movimento A-barra e tem como efeito, no caso, a interpretação ligada a Foco. Apontamos, também, que o sintagma QU que ocupa a posição de especificador de TP – em função da herança de traços – não diz respeito a movimento

⁵ A análise do DP quanto à variação verificada, no PB, no que se refere ao conjunto de traços-phi e a operações relativas ao sistema de concordância interno ao DP não é escopo deste trabalho. À guisa de exemplo, citamos, entre outros, o seguinte dado: (1)a. [*DP As menina*] *estão lendo*. O DP em (1) corroboraria a ideia de que a valoração desses traços, no curso da derivação, estaria levando em conta uma relação entre N(ome) e D(eterminante) que sugere uma modificação entre este (N) e o traço [+ Número] ou entre estes (N e D) e o mesmo traço – sobre a ‘Concordância de Número’ em PB, ver, entre outros: Naro & Scherre (2007), Baxter (2009).

acionado por um EF de C, não estando, em nada, portanto, a ele ligado. O movimento que liga os sintagmas QU identificados como 1 e 2, na representação em (13b), corresponde a uma cadeia de elementos A, ou seja, elementos da cadeia argumental, cuja posição de base, como já observamos, é a posição de argumento externo de v^* .

Se se leva em conta que C atrai, simultaneamente a T, esse elemento, dessa mesma posição, percebe-se que a proposta inaugurada em Chomsky (ver Chomsky (2007)) traz outras implicações interessantes no que diz respeito à posição que corresponderia – em se tratando da representação semântica de uma estrutura bimembre como [Foco[Pressuposição]] – à pressuposição, posição essa que contém a variável ('x tem terra') – ver (13a). Essa posição é, agora, notadamente, uma posição argumental tanto quanto uma posição ligada à estrutura de operador-variável. Observamos que, assim, núcleo C atrai, em conformidade com o seu EF, o traço do sintagma QU que corresponderia ao traço que está, mais de perto, ligado à valoração da variável x; T, por sua vez, atrai derivativamente – e 'estoca' – traços-phi de C, herdados quando C foi conectado à derivação.

A nossa hipótese é a de que os traços-phi ligados a categorias ontológicas configuram, intrinsecamente, um conjunto complexo de traços, de modo que T – observamos que a derivação é gramatical – atrairia um traço de pessoa, disponível no conjunto ligado aos traços do sintagma-QU, que será instanciado como 'sujeito', na posição de especificador. Quanto aos traços-phi ligados a categorias ontológicas, a *partícula* – no caso, **ki** (13a) – de acordo com a nossa hipótese, representaria um valor *default* do sintagma QU, e estaria ocupando uma posição próxima ao EF de C, por sua natureza:

(14) [CP **kin** 3[QU] C **ki** [QU] [TP <**kin**2[pessoa]>] T [vP < **kin**1[QU][Pessoa]> ten[VP ..]

Sobre (14), observamos que os elementos QU representados como 1 e 2 serão apagados quando da transferência das respectivas fases para 'spell-out'; em outras palavras, são cópias que não serão pronunciadas. O elemento **kin** que ocupa a posição de especificador de CP é a instanciação do sintagma QU sujeito, que foi valorado quanto à sua estrutura argumental, quanto ao traço de pessoa, e será *interpretado*, em conformidade com a posição que ocupa em CP, como elemento que corresponde à parte não pressuposta. Essa posição, acionada pelo EF de C, como observamos, tem interpretação compatível com elemento que instancia a parte relativa a Foco, em perguntas parciais. O elemento QU **ki**, por sua vez, representaria a instanciação de um traço *default*, traço esse que pode ser creditado ao fato de a contraparte nominal de sintagmas-QU – que diz respeito, em essência, ao modo como se organiza, no léxico, o conjunto de traços-phi de categorias ontológicas – representar um conjunto complexo de traços-phi. Essa proposta captaria, ainda, o fato de que **ki** é o elemento que estaria 'próximo' a CP, mas instanciando um valor *default*, relativamente à valoração da variável que ocupa a posição de argumento de v^* , em

se tratando de uma estrutura operador-variável. Aqui observamos que isso se daria em função de aspectos relevantes à derivação gramatical, ou seja, a operações de valoração de traços, ou seja, na dependência estrita da história derivacional que se instancia a partir da noção de núcleo da fase e de suas implicações quanto à distinção entre traços e movimentos distintos e, ainda, entre movimentos distintos e possibilidades de interpretação. Esses aspectos estariam, em última instância, explicados se se leva em consideração as posições que os sintagmas ocupam e, afinal, a posições a que ‘chegaram’, quando da fase CP.

Ao término dessas considerações é importante dizer que a implementação relativa à maneira como, no curso da derivação, o elemento QU *default* ocuparia a posição de C é tarefa que demanda uma futura investigação.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, enfatizamos sentenças com *perguntas-QU movidas* de línguas crioulas de base portuguesa do Atlântico, objetivando mostrar que, nessas línguas, essas estruturas instanciam um mesmo tipo de marcação de foco presente na gramática de línguas do oeste africano: o ‘foco de controle gramatical’.

Dados de línguas africanas e de línguas crioulas apontam para a presença de ‘partículas’ que se seguem a elementos-QU fronteados, designadas como ‘highlighters’. Nossa hipótese é a de que esses ‘highlighters’ não sejam complementizadores (COMP) – a despeito de uma possível semelhança fonética com COMP – e de que não estejam inseridos dentro de uma estrutura de clivagem (com apagamento de cópula). Propomos que esses ‘highlighters’ sejam a instanciação de um elemento da classe QU que estaria ‘próximo’ a CP, mas instanciando um valor *default*, relativamente à valoração da variável que ocupa a posição de argumento de v*. Em outras palavras, os ‘highlighters’ podem ser creditados como sendo a contraparte nominal de sintagmas-QU – que diz respeito, em essência, ao modo como se organiza, no léxico, o conjunto de traços-phi de categorias.

BIBLIOGRAFIA

- Adesanya, M. 2007. *Problems encountered by Yoruba speakers in learning English cleft constructions*. *Journal of the Linguistic Association of Nigeria* 10: 147-155.
- Baxter, A. 2009. A concordância de número. In Lucchesi, D, A. Baxter & I. Ribeiro (orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador, BA: UFBA, p, 269-294.
- Brito, A. M. 2003. Categorias Sintáticas. In Mateus, Maria Helena et alli (orgs.) *Gramática da Língua Portuguesa*, 5ª ed. Lisboa: Caminho, p. 323-432.
- Chafe, W. L. 1976. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects and topics. In C. N. M. Li (ed.). *Subject and topic*. New York: Academic Press, p. 27-55.

- Chomsky, A. N. 1977. On wh-movement. In P Culicover et al. (orgs.). *Formal syntax*. New York: Academic Press, p. 71-132.
- _____. 2000. "Minimalist Inquiries: The Framework," in R. Martin, D. Michaels, & J. Uriagereka (orgs.). *Step by Step. Essays on Minimalist Syntax in Honour of Howard Lasnik*. Cambridge (Mass.): MIT Press, 89-155.
- _____. 2001a. Derivation by phase. In Michael Kenstowicz (ed.). *Ken Hale: a life in language* [Current studies in Linguistics 36], Cambridge, Mass.: MIT Press.
- _____. 2001b. Beyond explanatory adequacy. *MIT Occasional Papers in Linguistics* 20, Department of Linguistics, MIT.
- _____. 2005. Three factors in language design. *Linguistic Inquiry* 36: 1-22.
- _____. 2006. *Approaching UG from below*. Ms, MIT.
- _____. to appear. On Phases. In C. Otero et al. (eds.). *Foundational Issues in Linguistic Theory*. Cambridge (Mass.): MIT Press. [Cited by manuscript version].
- Green, M. 2007. *Focus in Hausa*. Publications of the Philological Society, 40. Oxford: Blackwell.
- Hyman, L. M. & Watters, Jr. 1984. Auxiliary focus. *Studies in African Linguistics*: 15, p. 233-73.
- Holm, J. 1980. The creole 'copula' that highlighted the world. In Dillard, J. L. (org.). *Perspectives on American English*, 367-375. J. L. Dillard (org.). New York : Mouton Publishers.
- Holm, J. & M. S. D. de Oliveira. No prelo. Estruturas-QU fronteadas e o 'foco gramaticalmente controlado' – a participação de línguas africanas em línguas parcialmente e completamente reestruturadas. *Revista PAPIA*.
- Jorge, L. & M. S. D. de Oliveira. 2009. *Tense System in Ibibio: V*, CP and Edge Features*. In: Petter, Margarida & Ronald Beline. (Orgs.). Proceedings of the Special World Congress of African Linguistics (São Paulo 2008): Exploring the African Language Connection in the Americas. São Paulo: Humanitas, v. 1, p. 233-246.
- Kihm, A. 1993. What is That you Said? A study of Obligatory Focalization in Two Creoles and Beyond. In Byrne, Francis & Donald Winford. (eds.). *Focus and Grammatical Relations in Creole Languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 141-162.
- Kuno, S. 1972. *Functional sentence perspective: a case study from Japanese and English*. *Linguistic Inquiry*: 3, p. 269-320.
- McConvell, P. 1973. *Cleft sentences in Hausa? A syntactic study of focus*. Doctoral dissertation, SOAS, University of London.
- Naro, A. & M. Scherre. 2007. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola.
- Oliveira, Márcia S. D. 2005. *Perguntas de Constituinte em Ibibio e a Teoria de Tipo Oracional: Aspectos da Periferia à Esquerda com Ênfase em Foco*. Muenchen: LINCOM. (Studies in African Linguistics, 65).
- _____. 2007. *Remarks in tense markers grammatically and pragmatically controlled*. Paper presented at LLACAN (Langage, Langues et Cultures d'Afrique Noire) – CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique). CAPES/ COFECUB Project, Paris. Manuscript.
- _____. No prelo. *Fronted WH-Questions followed by 'que' in Portuguese spoken in Brazil (BP/BVP): The substratist and universalist theories complement each other*. Paris: L'Harmattan. (Livro em fase de publicação – 2a. etapa de publicação do Projeto CAPES/COFECUB: 'A participação das línguas africanas na constituição do português brasileiro).
- Quint, Nicolas. 2000. *Grammaire de la Langue Cap-Verdienne*. Paris : L'Harmattan.
- Rougé, Jean Louis. 2004. *Dictionnaire étymologique des créoles portugais d'Afrique*. Paris: Karthala.
- Rizzi, L. 1997. The fine structure of left peripher. In: Haegeman, L. (ed.). *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer, 281-337.
- _____. 2002. Locality and left periphery. Disponível em: <http://www.ciscl.unisi.it/doc-pub/rizzi2002-locality&left-periphery.doc>. Acesso em: 20 de agosto de 2009.
- Zubizarreta. M. L. 1998. *Prosody, focus and word order*. University of Southern California, Department of Linguistics, Los Angeles, CA. Unpublished manuscript.
- Watters, J. R. 1979. Focus in Aghem. In L. M. Hyman (ed.). *Aghem grammatical structures*. Los Angeles: University of Southern California, Southern California Occasional Papers in Linguistics No. 7, p. 137-97.